

Além dessas, são cultivadas lavouras importantes: 36% da batata inglesa, 28% da fava, 63% do feijão preto e 59% dos feijões cariocinha e mulatinho, 12% do feijão macassar, sendo a Borborema a maior produtora de sementes de feijão da Paraíba. Com relação ao milho, a Borborema é responsável por 8,5% da produção do estado e se destaca pelo trabalho de resgate e conservação das sementes crioulas e o beneficiamento de milho livres de transgênicos. Apesar da irregularidade das chuvas no ano de 2024, foram beneficiados sob a marca agroecológica "Da Paixão" cerca de 20 toneladas de produtos derivados de milho, dentre floção, xerém, fubá e mungunzá. Esses produtos são destinados ao abastecimento das feiras agroecológicas, as feiras livres, as Quitandas da Borborema, o grande mercado consumidor de Campina Grande, e também de João Pessoa, Natal, Recife e até São Paulo.

Ocupamos as ruas de Esperança porque o avanço do Parque Eólico Serra da Borborema representa uma evidente ameaça à integridade do Território Agroecológico da Borborema e revela a profunda contradição entre o modelo de transição energética assentado em grandes empreendimentos centralizados de produção de energia e a promoção de uma transição energética ecológica, justa e sustentável.

Reafirmamos que o enfrentamento da emergência climática que nos assola só terá sucesso se assentado numa transição ecológica justa, orientada para o fortalecimento de sistemas alimentares agroecológicos com baixa emissão de gases de efeito estufa e da produção de energia renovável descentralizada e inclusiva.

Seguiremos unidas e atentas na continuidade do nosso Projeto de Desenvolvimento para o Território Agroecológico da Borborema e na construção do nosso futuro.

Em 2025, ocupamos as ruas para ecoar: **Nenhum passo a mais para dentro do nosso território.**

Esperança, 13 de março de 2025



16<sup>ª</sup> MARCHA PELA VIDA DAS MULHERES  
E PELA AGROECOLOGIA

## MULHERES EM DEFESA DA BORBOREMA AGROECOLÓGICA

### Carta Política

Há 16 anos, nós mulheres do Polo da Borborema ocupamos as ruas de um dos municípios do território em celebração ao Dia Internacional das Mulheres. Em 2025, regressamos à Esperança-PB, e pela quarta vez consecutiva, voltamos às ruas, nos somando às mulheres da ASA PB, da ASA Brasil, da Rede Feminismo e Agroecologia, da Rede ATERNE, do GT Mulheres da ANA, do Movimento Atingidos pelas Renováveis (MAR), do MST, da Fetag e da Contag e outras tantas mulheres camponesas, quilombolas, indígenas que, como nós, lutam em defesa de seus territórios contra os megaprojetos de energia.

Há 4 anos, nós mulheres da Borborema nos organizamos em uma frente de denúncia das inúmeras violações de direitos, dos impactos negativos à saúde, à agricultura e ao meio ambiente provocados pelas grandes corporações da indústria de energia. Conversamos com famílias agricultoras, povos e comunidades tradicionais, conversamos com os governos municipais, estadual e o federal, promovemos ou participamos de audiências públicas e seminários, nos somamos à pauta da Marcha das Margaridas, contribuimos ao debate sobre o tema nas conferências territoriais, estadual e federal de Segurança e Soberania Alimentar, propusemos e recebemos a Mesa de Diálogos "Energia Renovável: direitos e impactos", compusemos a caravana do Brasil na 16ª Conferência das Partes (COP 16) da Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação (UNCCD), dentre outras tantas ações, com o objetivo de fazer ecoar o alerta dos graves e irreparáveis prejuízos socioambientais desses empreendimentos, realizados pelo capital sob pretexto do enfrentamento às mudanças do climáticas.

Realização

Apoio

Sindicato dos Trabalhadores  
e das Trabalhadoras  
Rurais de Esperança



AS-PTA

actionaid



Brot  
für die Welt

terre  
des hommes  
schweiz  
Oportunidades para jovens

Defendemos vigorosamente a necessária construção de modelos alternativos de produção de energia renovável, descentralizados, incluídos, realmente justos, que compreendam e beneficiem as populações locais. Defendemos que junto à implantação de um modelo alternativo, é imperativo que possamos debater sobre os atuais padrões de produção e consumo de bens da agricultura. Apresentamos a Agroecologia como um novo modelo de produção capaz de respeitar nosso modo de vida, de conservar a base de recursos naturais, de reverter drasticamente os padrões insustentáveis de emissão de gases de efeito estufa pela agricultura industrial e garantir a produção de alimentos saudáveis para o conjunto da sociedade.

Embora muito tenhamos avançado desde as primeiras caminhadas, este ano está sendo diferente. Se antes marchávamos para alertar as famílias agricultoras e os moradores das cidades locais sobre a falácia das energias renováveis serem “limpas, verdes e sustentáveis”, hoje ocupamos e compartilhamos as ruas com dezenas de famílias do nosso território que vivem ao lado do Parque Eólico Serra da Borborema. Essas famílias camponesas já vivem, há quase um ano, os assombros das explosões, das cisternas e casas rachadas, da mudança das estradas, do aumento do tráfego de pessoas e carros, do cercamento das áreas comuns, do arrendamento dos reservatórios de água, da fuga e a invasão dos animais silvestres.

Marchamos pelas comunidades da região do Curimataú, porção mais seca e de relevo mais plano do Planalto da Borborema, onde as empresas não param de assediá-las ostensivamente as famílias, de criar fissuras nas comunidades para vender ilusões de um progresso que nunca chega ou a imagem de um Estado sem recurso, que pode ser substituído por benesses oferecidas pelas empresas privadas. Em troca das assinaturas em contratos injustos, oferecem falsos benefícios como a regularização fundiária e documentos que facilitem a comprovação da posse da terra. Com os documentos em mãos, as empresas se apropriam e assumem o controle das terras por meio de relações contratuais que subordinam as famílias aos seus ditames. Quando os contratos são assinados, as famílias se veem obrigadas a ceder para as empresas o direito de usar e tirar os rendimentos da terra.

Aos moradores pouco sobra: a possibilidade do cultivo nas áreas residuais, além da perda de sua condição de segurado especial, a dificuldade de se fazer a sucessão rural.

Trata-se, na verdade, de um processo de reconstituição do latifúndio, agora dominado por grandes corporações internacionais, em substituição aos antigos senhores de engenho. Um retrocesso sem precedentes diante da longa trajetória de lutas pela democratização do acesso à terra que tem marcado historicamente a construção do Território Agroecológico da Borborema.

Do Brejo ao Agreste, de norte a sul, nosso território está sendo retalhado por linhas de transmissão de energia. Em um território cuja média das propriedades é de 5 hectares, as torres irão passar por centenas de propriedades da agricultura familiar. A passagem dessas linhas de transmissão implica desde o desmatamento de áreas de reserva até a redução da área agricultável, já que, para além das torres em si, são necessárias áreas de servidão cujo uso é contratualmente restrito. Dessa forma, sob o peso de contratos draconianos, não resta às famílias outra alternativa senão partir ou se submeter a condições de trabalho marcadas pela insegurança econômica e de saúde para conseguir se manter na atividade. Já existem pesquisas promovidas pela Fiocruz e por outras instituições internacionais que apontam que a exposição dos corpos humanos aos campos eletromagnéticos pode promover danos à saúde, podendo aumentar o risco de incidência de câncer em crianças e adultos.

Há cerca de 30 anos, vimos construindo um projeto de soberania alimentar para nosso território, no qual garantimos qualidade de vida, geração de renda e liberdade para vivermos da nossa agricultura. Na Paraíba, a Borborema é reconhecida como uma zona produtora de alimentos saudáveis. A região é responsável pelo abastecimento de muitos produtos que chegam à mesa dos consumidores: responde por 100% da produção de tangerina e de mudas de frutas cítricas do Estado, além de 70% da produção de laranja, 45% do limão, 16% da banana, 51% do abacate, 58% da jaca e 81% da jabuticaba. É responsável por 52% da produção de folhosas, além de 68% de abobrinha, 56% de beringela e 71% do pepino.